

# Do que se nega ao negar o coronavírus: uma contribuição psicanalítica<sup>1</sup>

---

Carolina Escobar de Almeida Prado,  
Fabiana Rodrigues Barbosa e Ivan Ramos Estevão

## Resumo

O ano 2020 tem sido atravessado pela pandemia do coronavírus e, como tal, podemos acompanhar os efeitos de sua presença em todo o mundo. Entretanto, no contexto brasileiro, é possível reconhecer uma modalidade de enfrentamento específica: a negação do coronavírus como uma realidade sustentada pelo fenômeno psicossocial da produção político-cultural da desinformação e/ou produção de informações difusas e contrárias. Diante disso, o objetivo deste trabalho é buscar nas teorias de Sigmund Freud e Jacques Lacan uma leitura possível do que pode ter impulsionado a emergência desse tipo de posicionamento diante da pandemia e sua implicação no sofrimento psíquico contemporâneo no Brasil. Para isso, contaremos com os conceitos de negação e sofrimento em Sigmund Freud, assim como os que dizem respeito às modalidades de gozo fálica e não-toda fálica em Lacan.

## Palavras-chave:

Coronavírus; Negação; Psicanálise; Modos de gozo; Sofrimento.

## What is denied by denying coronavirus: a psychoanalytic contribution

## Abstract

2020 has been a pandemic year of the coronavirus and, as such, we have been able to monitor the effects of its presence around the world. However, in the Brazilian context, it is possible to recognize a specific type of coping: the denial of coronavirus as a reality sustained by the psychosocial phenomenon of the political-cultural production of disinformation and/or the production of diffuse and contrary

---

<sup>1</sup> Este artigo foi escrito no calor da hora pandêmica de 2020. Optamos, em sua publicação *a posteriori*, pela não alteração dos tempos verbais, em prol de uma transmissão o mais rente possível do que nos inquietava à ocasião, preservando a dimensão histórica daquelas elaborações.

information. In view of this, the objective of this work is to search in the theories of Sigmund Freud and Jacques Lacan for a possible reading of what may have driven the emergence of this type of position in the face of the pandemic and its implication in contemporary psychological suffering in Brazil. For this, we will rely on the concepts of denial and suffering in Sigmund Freud as well as those concerning the modalities of phallic and non-all phallic enjoyment in Lacan.

### **Keywords:**

Coronavirus; Denial; Psychoanalysis; Modes of enjoyment; Suffering.

## **Lo que se niega al negar el coronavirus: una contribución psicoanalítica**

### **Resumen**

2020 ha sido un año de la pandemia de Coronavirus y, como tal, hemos podido monitorear los efectos de su presencia en todo el mundo. Sin embargo, en el contexto brasileño, es posible reconocer un tipo específico de afrontamiento: la negación del Coronavirus como una realidad sustentada por el fenómeno psico-social de la producción político-cultural de desinformación y/o la producción de información difusa y contraria. Ante esto, el objetivo de este trabajo es buscar en las teorías de Sigmund Freud y Jacques Lacan una posible lectura de lo que pudo haber impulsado el surgimiento de este tipo de posiciones frente a la pandemia y su implicación en el sufrimiento psicológico contemporáneo en Brasil. Para ello, nos apoyaremos en los conceptos de negación y sufrimiento de Sigmund Freud; así como a las modalidades de goce fálico y no todo fálico en Lacan.

### **Palabras clave:**

Coronavirus; Negación; Psicoanálisis; Modos de goce; Sufrimiento.

## **Ce qui est nié en niant le coronavirus : une contribution psychanalytique**

### **Résumé**

2020 a été une année de la pandémie du coronavirus et, à ce titre, nous avons pu suivre les effets de sa présence dans le monde. Cependant, dans le contexte brésilien, il est possible de reconnaître un type spécifique de coping : le déni du coronavi-

rus comme une réalité soutenue par le phénomène psychosocial de la production politico-culturelle de désinformation et/ou la production d'informations diffuses et contraires. Dans cette optique, l'objectif de ce travail est de rechercher dans les théories de Sigmund Freud et Jacques Lacan une lecture possible de ce qui a pu conduire l'émergence de ce type de position face à la pandémie et son implication dans la souffrance psychologique contemporaine au Brésil. Pour cela, nous nous appuyons sur les concepts de déni et de souffrance de Sigmund Freud ainsi que celles concernant les modalités de jouissance phallique et non-phallique de Lacan.

### **Mots-clés :**

Coronavirus ; Le déni ; Psychanalyse ; Modes de jouissance ; Souffrance.

### **Introdução**

O ano 2020 tem sido atravessado pela pandemia do coronavírus e, como tal, acompanhamos os efeitos de sua presença em todo o mundo. Entretanto, em certos contextos, inclusive no brasileiro, é possível reconhecer uma modalidade de enfrentamento específica: a negação do coronavírus.

Por que negar um acontecimento mundial e suas consequências nos âmbitos políticos, econômicos e, claro, da saúde? Esse questionamento se faz presente a nós, mas também a jornalistas, cientistas políticos, filósofos, entre outros, que se veem às voltas com uma atitude negacionista diante de um vírus com taxas de transmissão altíssima, que não é sem consequências para os mais diversos âmbitos da realidade brasileira.

Por isso, algumas hipóteses foram construídas no sentido de produzir uma resposta parcial do que pode provocar a atitude negacionista. Uma das encontradas foi a de que o negacionismo pode ser consequência da ampliação de uma lógica social e política que gira em torno da desinformação e/ou da produção de informações difusas e contraditórias. Segundo o pesquisador Renan Leonel (Leonel citado por Toledo, 2020) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), em sua pesquisa em parceria com colegas da Columbia University e da Universidade de Viena, o negacionismo científico “se intensificou, e o que era a contracorrente tornou-se, em alguns casos, discurso oficial e política de Estado”. Os pesquisadores sustentam ainda a hipótese de que a “institucionalização do negacionismo” por parte de líderes políticos tem “comprometido a eficácia das medidas de combate à pandemia em países como Brasil, Estados Unidos e Reino Unido”. Leonel explica que o “estudo dos fenômenos de produção política e cultural da desinformação” é nomeado de agnotologia. E o que podemos observar é que, no âmbito social, tal fenômeno visa a manter a ignorância da população

sobre a verdade; ou seja, podemos pensar a agnotologia como uma estratégia de poder e manipulação da população.

Uma matéria da Deutsche Welle<sup>2</sup> (2019), publicada no Brasil pela *Carta Capital*, também localiza o negacionismo histórico como uma arma política, uma vez que os governos operam por meio da negação, da alteração e da manipulação de dados e fatos históricos, visando à legitimação de projetos políticos a partir da apresentação de visões distorcidas e, por vezes, conflitantes com o que é produzido pela historiografia acadêmica.

Somada a isso há também a forte presença das *fake news*, que parecem ser ferramentas para o fortalecimento do negacionismo histórico — ponto que nos aproxima do debate sobre a verdade e a realidade. As *fake news* são conhecidas por serem imagens e/ou fragmentos textuais que carregam notícias cuja fidedignidade e veracidade são questionáveis.

Seria equivocado dizer que é a primeira vez que a humanidade se depara com as *fake news*. O ato de disseminar informações falsas já esteve presente em diversos momentos da história, e o “que elas parecem ter em comum é a propriedade de se alastrar de modo principalmente oral entre camadas da população de menor instrução e informação, além de obedecer a roteiros em geral conspiratórios e delirantes” (Frias Filho, 2018, p. 41).

Do lado da psicanálise de orientação lacaniana, sabemos que a realidade não é unívoca e que é impossível se fazer consistir em uma equiparação absoluta entre verdade e realidade. É nesse ponto que as *fake news* parecem operar, oferecendo um saber que responde a um fim que não o de tentar apresentar uma versão dos fatos, mas de dirigir esse saber para uma leitura unívoca e geralmente paranoica, com a finalidade de obter algum ganho político. O que torna as *fake news* um fenômeno importante na atualidade é a possibilidade de veiculação por meio da internet e das redes sociais, havendo velocidade na viralização da informação falsa.

Mas qual seria a relação entre as *fake news* e o negacionismo diante do coronavírus? De acordo com Frias Filho (2018), é característico das *fake news* que as informações tenham por objetivo desqualificar posições diferentes das sustentadas por quem as emprega. Isto é, por meio das *fake news*, aquele que as dispara pode auxiliar na transformação de um fato que o desagrada, com o qual não está de acordo e/ou que questiona o que o empregador vivencia como certeza. Nas *fake news*:

As ideias formam um tecido contínuo, de tal forma que é difícil estabelecer linhas divisórias entre o que é legítimo e o que é indevido expressar. Sua livre manifestação garante à sociedade dispor de um amplo estoque de opções cuja utilização seletiva compõe a própria linha evolutiva dos costumes e da história — o que antes era inaceitável, amanhã poderá se tornar imperativo, e vice-versa. (Frias Filho, 2018, p. 43)

---

2 A Deutsche Welle é uma emissora internacional alemã que produz jornalismo independente em 30 idiomas.

A produção da desinformação e/ou a distorção das informações provocam uma suspensão da relação com a verdade que uma vez fora compartilhada para uma experiência de confusão na percepção sobre a realidade. Deturpam-se o coletivo, a história, o sentido que norteia e organiza as relações humanas; instigam-se a persecutoriedade, a insegurança, a evitação da troca e do compartilhamento no contato com a diferença e, no limite, a intolerância.

Como psicanalistas, vemo-nos diante de uma problemática delicada, uma vez que podemos encontrar no psiquismo mecanismos que funcionam por meio da negação de partes da realidade ou de nossas próprias representações inconscientes que nos são intoleráveis. Será que o mecanismo da negação com e por meio do qual estabelecemos relação com o que está à nossa volta e com nossos próprios conteúdos nos levaria a negar a pandemia?

Não foram todos os brasileiros que elegeram a negação como uma estratégia de enfrentamento ao coronavírus, o que nos diz que não basta a negação constitutiva para que a negação social possa acontecer. De que maneira a psicanálise poderia nos auxiliar na compreensão do que levaria alguns brasileiros a apresentarem um negacionismo tão radical?

## **Negação em Freud: ambivalência afetiva e formas de sofrimento**

Sigmund Freud vivenciou a epidemia de gripe espanhola de 1918 a 1920, na qual perdeu sua filha Sophie, com 26 anos, e a partir disso começou cada vez mais a trazer considerações sobre a questão da morte em seus textos. Mas já estava bem trabalhada para ele a ideia da negação psíquica. Podemos encontrar em seus textos uma investigação acerca da negação e das consequências de sua presença no psiquismo. Segundo ele, a negação é um mecanismo psíquico capaz de distorcer parte das representações inconscientes, de modo que estas possam chegar à consciência produzindo o menor impacto possível (Freud, 1925/2011). Mas também observa a presença desse mesmo mecanismo na relação que temos com a realidade (Freud, 1924/2011) — ponto que nos leva à problemática apresentada neste texto.

Bem, mas qual é a função de tal distorção e por quais razões e em que situações ela se torna presente? Para Freud, a negação é próxima da operação do recalque, e essa relação se estabelece da seguinte forma: “Negar algo num juízo é dizer, no fundo: ‘Isso é algo que eu gostaria de recalcar’” (Freud, 1925/2011, p. 278). Esse ponto parece precioso, pois indica que o ato de negar indica uma afirmação. Se há a necessidade de negar a pandemia, é porque ela está presente; caso contrário, o ato de negar um fato (seja ele psíquico, seja ele do campo da realidade compartilhada) se torna desnecessário.

A questão é que se temos, ao negar, a presença de uma afirmação, toda a argumentação freudiana nos conduz à ideia de que há uma *ambivalência* presente nos processos psíquicos e de apreensão da realidade. Ao ouvir os relatos de seus

pacientes, Freud se dá conta de que é comum encontrar sentimentos ambivalentes sendo direcionados para um mesmo objeto, de modo que podemos amá-lo e odiá-lo ao mesmo tempo. Para além disso, esses relatos indicam que, por vezes, lidar com a ambivalência de sentimentos se tornava algo insuportável, de modo a contribuir para a produção sintomática de seus pacientes.

A partir de então, a ambivalência se torna um problema clínico. Mas o que ela tem a ver com a negação? Vimos que na ambivalência uma mesma representação pode carregar dois sentidos opostos; porém, não necessariamente, os dois sentidos são vividos como intoleráveis pelos processos da consciência. Por isso, a operação da negação recairia apenas em um dos sentidos da representação, isto é, enquanto uma das valências se mantém inconsciente, a outra teria livre acesso à consciência.

Vale lembrar que, apesar de o recalque ser um mecanismo de defesa fundamental para a organização do psiquismo, ao retirar uma valência da consciência, não o retira em definitivo dos processos inconscientes. Isto é, ainda que uma das valências possa ter sido negada na consciência e recalçada, ambas as valências — a recalçada e a consciente — influenciam nossa relação com a realidade.

O que importa aqui é que, a partir dessa perspectiva, negar seria uma forma de se defender do que é da ordem do intolerável, visando a encontrar o que Freud nomeia de eu-de-prazer. Este diz respeito ao processo constitutivo em que visamos a “introjetar tudo o que é bom e excluir tudo o que é mau” (Freud, 1925/2011, p. 278) e, com isso, elidimos a divisão posta no sentido estrito da noção de ambivalência.

Sabemos da “(..) intenção prática de defender-se das sensações de desprazer percebidas ou das que ameaçam” (Freud, 1930/2010), e, no que tange ao objeto deste artigo, é possível compreender que a negação é uma operação que acaba por nos aproximar, ainda que de maneira ilusória, da experiência de eu-de-prazer, na qual teríamos a sensação de uma espécie de união contínua entre o Eu e os objetos que compõem o mundo externo.

Esse percurso possibilita a leitura de que o mecanismo da negação, ao recalcar a valência intolerável, levaria a pensar o Eu como algo indiviso, unitário e seguro. Freud nos adverte de que:

Normalmente nada nos é mais seguro do que o sentimento de nós mesmos, de nosso Eu. Este Eu nos aparece como autônomo, unitário, bem demarcado de tudo o mais. Que esta aparência é enganosa, que o Eu na verdade se prolonga para dentro, sem fronteira nítida, numa entidade psíquica inconsciente a que denominamos Id, à qual ele serve como uma espécie de fachada — isto aprendemos somente com a pesquisa psicanalítica, que ainda nos deve informar muita coisa sobre a relação entre o Eu e o Id. (Freud, 1930/2010, p. 16)

Nesse sentido, tal experiência narcísica de continuidade pode transformar o coronavírus em uma inverdade. Entretanto, de acordo com os pressupostos psicanalíticos, sabemos que não seria possível nos livrarmos da experiência de descontinuidade e desencontro com a realidade. Tal ponto fica ainda mais evidente quando nos aproximamos do que Freud identifica como as três fontes das quais advém nosso sofrimento psíquico: “(...) a prepotência da natureza, a fragilidade de nosso corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos na família, no Estado e na sociedade” (Freud, 1930/2010, p. 43). Ele justifica essa argumentação da seguinte forma:

No tocante às duas primeiras, nosso julgamento não tem por que hesitar: ele nos obriga ao reconhecimento dessas fontes do sofrer e à rendição ao inevitável. Nunca dominaremos completamente a natureza, e nosso organismo, ele mesmo parte dessa natureza, será sempre uma construção transitória, limitada em adequação e desempenho. (...) Temos outra atitude para com a terceira fonte de sofrimento, a social. Esta não queremos admitir, não podendo compreender por que as instituições por nós mesmos criadas não trariam bem-estar e proteção para todos nós. Contudo, se lembrarmos como fracassamos justamente nesta parte da prevenção do sofrimento, nasce a suspeita de que aí se esconderia um quê de natureza indomável, desta vez da nossa própria constituição psíquica. (Freud, 1930/2010, pp. 43-44)

Atente-se para o fato de que as três teriam um ponto em comum: a inevitabilidade. Em cada uma das fontes, ela se apresenta de maneira específica, mas está sempre lá. Negando ou não. Esse parece ser um elemento essencial para este trabalho, uma vez que o coronavírus *afeta as três fontes de sofrimento*, e, para além disso, também há que se considerar o isolamento social, a suspensão da experiência anterior com o espaço (e com o tempo) e, especificamente no contexto brasileiro, uma importante crise política caracterizada por ministérios desgovernados.

Não à toa, a clínica psicanalítica tem sido tão desafiadora — principalmente nos meses iniciais do período da quarentena. Deparamos com sintomas que (re)aparecem, sintomas que se desencadeiam, demandas por atendimentos novos em caráter de urgência, pacientes antigos retomando suas análises, mas chama especial atenção a fala tomada por angústia e incertezas como marca dos atendimentos realizados nesse momento. Também ressaltamos, claro, que o encontro com o inevitável nem sempre leva ao sofrimento. Por vezes, é nele que se produz uma abertura ao novo, e a produção do novo também pode ser recolhida da experiência clínica desse período.

Baseando-nos na formulação freudiana sobre as fontes do sofrimento psíquico, foi possível construir a hipótese de que o movimento negacionista em face do co-

ronavírus pode ter aumentado em amplitude, uma vez que a força impiedosa da natureza, por meio de um microrganismo, ameaça nossos corpos e traz à tona a iminência do risco da morte em meio a um desgoverno sem medidas. Talvez por isso a busca da experiência ilusória de eu-de-prazer seja, para alguns, uma solução.

## **Alienação e sentido em Lacan**

Junto de Freud, entendemos que a experiência ilusória busca o prazer, refugian-do-se da realidade quando esta é sentida como insuportável. Há aqui um pacto de ruptura, que Freud nomeia de conceito de negação da realidade, ou melhor, de parte dela. Nega-se uma parte, mantendo-se apoiado em outra parte da realidade, de modo que a parte negada não constitui perda, mas, sim, o apoio totalizante na parte mantida constitui possibilidade para o tamponamento, com algo menos desprazeroso, da porção inconveniente ou insuportável da realidade.

Na contingência pandêmica, estamos diante da morte, da finitude, da impotência em face da perda de entes queridos e da própria vida, que, mesmo que protegida pelos critérios sanitários, não está garantida de não se contaminar e sucumbir. A castração se impõe tanto pelos severos critérios sanitários, como o isolamento dos corpos, quanto pelo próprio não saber sobre as chances da própria sobrevivência. Negar tudo isso é um mecanismo de defesa contra o sofrimento a ser atravessado.

É negada, portanto, a própria ambivalência inerente ao sujeito, escancarada pelas contingências pandêmicas. Isolo-me em minha casa, respeito os critérios sanitários, mas ainda assim posso morrer. Devo desejar e me esforçar para me proteger e proteger os próximos, mas isso não garante a certeza de estarmos seguros. Estou vivo, desejo estar vivo, e para isso me protegerei, mas nada garantirá que permaneça vivo.

Ora, senão, de onde vem a motivação para todo esse esforço? Devo me distanciar fisicamente de alguns dos que amo para protegê-los, mas, ora, se não há garantia de que estarão mesmo a salvo, e se podem se contaminar ou morrer ainda assim, terei ficado todo esse tempo sem desfrutar de sua companhia, e ainda assim não poderei me despedir, caso venham a sucumbir? E, assim por diante, em direção à construção do sentido de que vamos morrer de qualquer forma, então é melhor curtir a vida enquanto isso. De modo inconsequente. Afinal, investir no cuidado de si e no próximo apoiado somente na aposta de que isso trará uma vida com qualidade, ainda que sem a certeza disso, seria necessariamente lidar com os limites da potência do sujeito singular em face dos mistérios da vida, incluindo aí o tempo de vida de cada um sobre o solo deste planeta. O fato de que não sabemos quando morreremos pode ser extremamente angustiante. A topada com a angústia diante da própria finitude, com o nada de certeza, pode produzir movimentos defensivos e a construção de narrativas que tentam dar conta, tamponar essa angústia, para não ter de lidar com ela.

Assim como Freud, Lacan também considera a dimensão da ambivalência em suas formulações sobre o funcionamento psíquico e a tratará também associada à divisão subjetiva. Ao mesmo tempo, podemos desejar coisas que, a princípio, nos levariam a caminhos opostos; assim como desconhecer a si mesmo em nossos comportamentos e nas palavras que pronunciamos — há uma descontinuidade em nós mesmos: “A ruptura, a fenda, o traço de abertura [que] faz surgir a ausência” (Lacan, 1964/1998, p. 31).

Esse parece ser um ponto crucial para este trabalho, pois, se encontramos tanto em Freud quanto em Lacan o pressuposto de que nos constituímos com e a partir de uma descontinuidade, resta pensar de que forma lidamos com sua presença em nós. Parece-nos que a atitude negacionista pode ser uma delas, de modo que, ao negar uma das partes, também negaríamos o encontro com a descontinuidade. Seríamos *um*. A questão é que, segundo Lacan (1964/1998), isso seria uma miragem. Em suas palavras:

A descontinuidade, esta então a forma essencial com que nos aparece de saída o inconsciente como fenômeno — a descontinuidade, na qual alguma coisa se manifesta como vacilação. Ora, se essa descontinuidade tem esse caráter absoluto, inaugural, no caminho da descoberta de Freud, será que devemos colocá-la — como foi em seguida a tendência dos analistas — sobre o fundo de uma totalidade? (...)

Será que o *um* é anterior à descontinuidade? Penso que não, e tudo que ensinei esses últimos anos tendia a revirar essa exigência de um fechado — miragem à qual se apegava a referência ao psiquismo invólucro, uma espécie de duplo do organismo onde residiria essa falsa unidade. Vocês concordarão comigo em que o *um* que é introduzido pela experiência do inconsciente é o *um* da fenda, do traço, da ruptura. (Lacan 1964/1998, p. 30)

Nesse sentido, sustentamos aqui que lidar com essa angústia seria lidar com nossa “divisão constitutiva”. Lacan (1966/1998, p. 870) formula essa “divisão experimentada do sujeito como divisão entre o saber e a verdade”. E faz esse movimento assertivo, a partir da interpretação de “certo momento do sujeito que considera ser um correlato essencial da ciência (...) rigorosamente passível de repetição na experiência: o que foi inaugurado por Descartes e que é chamado de cogito”. E trata esse *cogito* como “desfilamento de um rechaço de todo o saber”, mas que, para poder se sustentar, “pretende fundar para o sujeito um certo ancoramento no ser”, constituindo-se o “sujeito da ciência (...) no sentido de porta estreita”, ou seja, de limitação.

Lacan ressalta que a divisão entre saber e verdade não consiste em uma “distinção originária”, mas que devemos lê-la a partir do modelo topológico da banda de Moebius, o que significa que se considera aí a questão da experiência dinâmica e subjetiva como motor dessa produção da divisão. Então, “divisão constitutiva” não é o mesmo que divisão originária. É constitutiva, porque vamos nos constituindo inevitavelmente como sujeitos dessa forma, divididos. E mais. Para demonstrar isso, Lacan (1966/1998, p. 870) nos convida a retomarmos Freud, desde a “*Ichspaltung* (divisão do ego), sobre a qual a morte se abate”, até os artigos freudianos sobre a perda da realidade, de 1924. Poderíamos entender, desse recorte feito por Lacan, que, considerando epistemologicamente o percurso de Freud, desde a divisão, para dar conta da angústia que ela causa, o sujeito abandona uma parte da realidade à revelia de se deleitar com apenas outra parte dela?

Segundo Lacan, essa divisão é constitutiva, pois, como vimos, diz respeito à causa do sujeito do inconsciente. Entretanto, é importante ressaltar que essa operação se origina no processo e inscrição do ser no campo da linguagem, e essa inscrição conta, em partes, com uma alienação ao campo do Outro. A questão é que essa alienação não diz respeito a uma alienação total, uma vez que haverá sempre a presença do objeto *a* marcando o lugar de uma perda e “delimitando a articulação lógica entre o resto da operação de *alienação* e a função de causa, definida pela operação da *separação*” (Faria, 2019, p. 29). Há, ao mesmo tempo, a alienação *e* a separação do sujeito em relação ao campo do Outro — e aqui voltamos à divisão. Acompanhem o trecho em que Lacan nos esclarece o mecanismo da alienação-separação:

(...) o sujeito aparece primeiro no Outro, no que o primeiro significante, o significante unário surge no campo do Outro, e no que ele representa o sujeito, para um outro significante, o qual outro significante tem por efeito a afânise do sujeito. Donde, divisão do sujeito — quando o sujeito aparece em algum lugar como sentido, em outro lugar ele se manifesta como *fading*, como desaparecimento. (Lacan, 1964/1998, p. 207)

Um desaparecimento que, no limite, aponta para a morte. Estamos vivos, mas por quanto tempo? Como suportar que queremos muito viver, ainda que sabendo que vamos morrer? Como posso ficar feliz em estar vivo, já que sei que isso terá fim? Nessa linha de pensamento, a vida humana parece frágil, desamparada, com poucas certezas sobre suas possibilidades de seguir existindo. O sofrimento com a parcela de impotência diante do desconhecido pode levar à alienação. Alieno-me como forma de cindir essa parte da realidade que me mostra que não tenho esse poder todo, e é tão difícil lidar com o poder que tenho, limitado, paradoxal, incerto. Lacan propõe

que o que se dá aí é que o sujeito produz, então, sua própria realidade, ilusoriamente, tornando-a uma verdade, só que com estrutura de ficção (Lacan, 1966/1998), para tamponar a divisão, a insuportável ambivalência e a incerteza. Alienando-se de parte da realidade, o sujeito constitui sua própria, imaginariamente.

Dito isso, fica claro que a “heteronomia radical, cuja hiância no homem foi mostrada pela descoberta de Freud, já não pode ser encoberta, sem que considere uma desonestidade intrínseca tudo o que nisso é empenhado” (Lacan, 1957/1998, p. 528). Ou seja, o sujeito compõe, então, um discurso como forma de narrar a suposta verdade, constituindo-se com certa lógica, como a dos negacionistas, ainda que com fortes traços imaginários, na tentativa de dar conta de algo impossível de ser simbolizado. Um bom exemplo disso é o fenômeno da negação, por boa parte da população, dos campos de concentração na Alemanha nazista.

## Gozo fálico

Com Lacan, temos por hipótese que o que sustentaria a produção de verdade com estrutura de ficção são os aparelhamentos e as modalidades de gozo, buscando algo análogo ao “eu-de-prazer” de Freud. Assim, podemos chegar, então, a um ponto do entendimento da questão em que a alienação diante da realidade, que leva à construção de uma verdade com estrutura de ficção, é uma forma de aparelhamento de gozo, a saber o gozo fálico e o gozo não-todo fálico.

Antes de retornarmos à questão que nos precipitou a este trabalho, ou seja, a questão da negação, propomos avançar um pouco mais sobre as modalidades de gozo. Tomemos o gozo fálico, que opera segundo a lógica fálica. Lacan (1958/1998, p. 692) propõe que o que compõe essa lógica tem como base o falo, “esclarecido por sua função”. Em uma leitura atual de Lacan, Dunker (2017) reafirma que não se trata de uma parte do corpo. Mesmo que Lacan tenha avançado por caminhos tortuosos quanto à função fálica, parece sempre tê-la articulado a um meio para as trocas e para o gozo, na economia libidinal, que está em permanente relação nas cadeias significantes. O desejo estaria então sempre orientado pelo e para o falo, como significante (Lacan, 1958/1998). Quando, no *Seminário 19*, Lacan afirma que uma das caracterizações do falo é ele ser, “seguramente, aquilo de que não sai nenhuma palavra” (Lacan, 1971/2009, p. 159), esboça-se algo da ordem do imperativo do inominável, do que falta, do que escapa, do que não se inscreve (Dunker, 2017). O que nos leva a tomar, portanto, o gozo não-todo fálico.

A compreensão da modalidade de gozo não-toda fálica está no fato de que esta vai para além da função do falo, não se opondo a ele, mas incluindo-o. Conforme Dunker (2017), é no não-todo que reside a contribuição lacaniana com relação às modalidades de gozo, para além da norma fálica, se tomamos a lógica fálica como solução de compromisso para quando se quer acreditar em uma verdade

com estrutura de ficção, ou seja, uma verdade que supostamente seria toda certa, toda justa, potente, completa, conforme a crença aristotélica, tão bem criticada por Lacan como insustentável. Em termos de lógica, Lacan (1972-1973/2008, pp. 57-69) busca progredir desde Aristóteles — que faz ode ao estatuto universal do Bem, do Verdadeiro, do Belo — em direção à lógica paraconsistente.

Conforme Da Costa (1982 e 1986), a lógica paraconsistente propõe algo que corra ao lado da lógica clássica, tendo-a como base, mas acrescentando a possibilidade do paradoxo, do inconsistente, do não absoluto, do que fica em aberto. O que guarda íntima relação com a formulação de Lacan sobre a importância do furo, da falta, para tocar a singularidade do sujeito. O que claramente não convém às lógicas de dominação e suas estratégias de poder e controle das massas.

No entanto, diante de uma dramática contingência, como em uma pandemia mundial, que escancara a dificuldade de lidar com o limitado poder que temos sobre nossa vida, paradoxal, incerto, não completo, não total, não-todo, ou seja, com o que é impossível dizer, simbolizar ou saber, recorre-se a uma construção ficcional, apoiada na lógica fálica. Algo que muito escutamos em nossos consultórios nesses tempos pandêmicos, de tantas vidas ameaçadas, é o esforço para crer que “tudo vai ficar bem” [sic]. Mas, enquanto a lógica toda fálica cristaliza, engessa, imobiliza a posição subjetiva agarrada na ficção, que busca garantir e manter certezas, a lógica não-toda é o que põe o sujeito em movimento, pois sustenta o desejo de saber e o próprio desejo de desejar, que já se supõe incompleto, incerto, dividido. Com Lacan (1966/1998), sustentamos também que o não-todo diz do desejo de se fazer ciência, de produzir e transmitir algum saber, ainda que sempre incompleto.

## Considerações finais

Compreendemos que a pandemia que estamos vivendo nos afeta nas três fontes de sofrimento apontadas por Freud, mas de uma maneira específica; ela traz à tona o campo do inevitável que tanto visamos a tamponar juntamente com a divisão característica da presença da ambivalência. Nesse sentido, esse percurso nos possibilitou construir a leitura de que a atitude negacionista diante do coronavírus pode ser tomada como análoga aos processos psíquicos da negação em Freud (1925/2011), para sustentação de uma modalidade de gozo fálica, conforme Lacan (1972-1973/2008); porém, nesse cálculo, também há que se considerar o negacionismo histórico e a produção das *fake news* como estratégia de poder para a manipulação e a incitação das massas.

Veicular informações cuja veracidade e fidedignidade questionáveis podem transformar elementos de uma realidade compartilhada parece vir ao encontro

de um mecanismo com o qual já contamos em nossos processos psíquicos e de defesa contra o intolerável — encontro que, claramente, pode nos levar ao pior.

## Referências bibliográficas

- Da Costa, N. C. A. (1982). The philosophical import of paraconsistent logic. *The Journal of Non-Classical Logic*, 1, 1-19.
- Da Costa, N. C. A. (1986). On paraconsistent set theory. *Logique et Analyse*, 115, 361-371.
- Deutsche Welle (2019, abril). O negacionismo histórico como arma política. *Carta Capital*. Recuperado em 22 novembro, 2020, de <https://www.cartacapital.com.br/politica/o-negacionismo-historico-como-arma-politica/>
- Dunker, C. (2017, janeiro). As formas de sexuação. *Falando n'Isso*, 83. Recuperado em 22 novembro, 2020, de [https://www.youtube.com/watch?v=N\\_GAiKm2Bcw](https://www.youtube.com/watch?v=N_GAiKm2Bcw)
- Faria, M. R. (2019). *Real, simbólico e imaginário no ensino de Jacques Lacan*. São Paulo: Toro Editora.
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 18). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2011). A perda da realidade na neurose e na psicose. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2011). A negação. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Frias Filho, O. F. (2018, janeiro/fevereiro/março). O que é falso sobre as *fake news*. *Revista USP*, São Paulo, (116), 39-44.
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente, ou a razão desde Freud. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 462-533). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lacan, J. (1998). A significação do falo. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 692-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)

Toledo, K. (2020). *Negacionismo científico: a produção política e cultural de desinformação*. São Paulo: Agência Fapesp. Recuperado em 19 novembro, 2020, de <https://agencia.fapesp.br/negacionismo-cientifico-a-producao-politica-e-cultural-de-desinformacao/34028/>

**Recebido:** 22/11/2020

**Aprovado:** 25/01/2021